

Salomão Rovedo

Sentimental



Demais

(poesia)

Rio de Janeiro
2002

LIVRO 1

SENTIMENTAL DEMAIS

LIVRO 2

ETERNO DEUS

LIVRO 3

POEMAS PRA MÃE MIZIKA

LIVRO 1

SENTIMENTAL DEMAIS

OUTONO, INVERNO

***“Perecem os teus gestos e semblantes
entre os que perderei e o que perdi.”
Abgar Renault, Caminhos do esquecimento***

***Outono: a brisa itinerante rola mundo,
rasga os ares e traz o cabelo crespo dela,
transporta o perfume do óleo, o cheiro
mescla amêndoa e frescor de epiderme.***

O Outono este ano vai chegar mais cedo.
Sabe? Nunca fui a Miami. Lá as mulheres
escondem em espessa maquiagem rios azuis:
deletam rugas insondáveis, sinais, varizes.

Prepara o corpo para a língua (penso sim,
ainda penso muito nisso e naquilo outro.)
Vem Outono pessimista, deseduca a alma,
com a perspectiva contemporânea do nu.

Estou sem sono – me chamou – vem comigo!
Ela pegou meus braços enlaçando-os ao corpo,
Cordame cingindo-a, serpente, igual sucuri.
Deitei morto, fogo mergulhado nos cabelos.

Grudados, impossíveis. Muito ficou de fora:
o trompete de Winton Marsalis cifrando onda,
o mar de espuma que agita a areia da praia,
(talvez por isso a ausência dela traga medo).

A idade do vento, lerda, pranteia as palmeiras.
É o sentimento do Outono que se vai sem temor.
Amanhã será outro a morder a nuca? Tremo...
Conseguirão meus dedos irritar-lhe os mamilos?

***Inverno, corpo, solo sagrado,
a derme um campo vivente,
cada nervo lateja de vida,
de cada poro – sedimento, pó –
mina sementes: amor, coração, alma.***

O sol equatoriano se esgueira no horizonte. Vejo
transformar as trevas do quarto em lusco-fusco,
lanhando todo o corpo dela em traços de agonia.

O lençol é o deserto. Amanhã não serei eu o outro.

O Inverno este ano vai chegar tarde, amor?
Mas o corpo dela terá memória bem guardada:
acenderá a chama logo ali abaixo do ventre,
arderá o calor como úlcera, secará a garganta.

Jamais meça o contexto irreparável da decepção.
Mas haverá luz? Duplicidade de nível? Degraus?
Enigmas insondáveis, pretensões imaginadas:
– *Apenas o pretexto nu, desmesurado, o cio. Só.*

Corpo. É o corpo. Em cada poro late o sentido.
No cerne do peito o fundo do poço: alma, paixão.
Antes de o Inverno passar, pijamas, cuecas, meias,
calças, camisas, terão virado inútil pano de chão.

Sinto o olhar soturno, longe, na adolescência. Que?
Puxa! O Inverno também irá embora mais cedo.
Quero apenas um calor perto do meu calor. Disse.
Depois, aconchegou-se, sorriu, tremeu. Sonhava...

A NOITE, O ETERNO

Estou um pouquinho triste esta noite
porque sinto que te achei esta noite.

No entanto, a noite está tão linda:
a lua vermelha enroscada na palmeira,
o céu se limpou das nuvens calmas,
e o casal namora dentro do carro.

Ouvido distante e abafado o rádio toca
– imaginem – *“A noite de meu bem”*
na voz eternamente erótica de Maysa.

Só resta sentar no meio fio e olhar o mar,
a areia que se ilumina de lua e de cristal,
a espuma branca desmascarada, bolha.

Adivinho o horizonte longe, bem longe.
Viva! Nos dias de sol aparta-me da crise.

Não, não está feia esta noite, até a brisa,
a brisa embebida de salitre se enlameia.

Somente estou solitário esta noite, só,
porque acho que não te achei esta noite...

O TOQUE NO INVERNO

Trata com carinho a alma partida,
não machuca o coração que amarás.
Sabe, já se foi o tempo de chorar:
ficou há muitas lágrimas atrás...

Ensina-me a bem conhecer teu corpo,
pontos onde, ao toque, se inflamam,
a nervosidade carregada, focos elétricos,
faíscas que se digladiam, explodem.

Um lapso, de repente, sem querer, os pés,
eis prostrados entre as mãos: massageio,
toco os dedos, o ventre, as coxas, devoto.

A exploração, quermesse, arde sob a pele
não encontra a sensibilidade, o amor,
nem a pastagem bela, assídua, perfumada.

AMORE QUOQUE TAMEN

Por que não me suicidei? Para não satisfazer o bruxo.
Sigo vivo por estar atracado ao refluxo dos olhos dela.
Espero, a vida espera, o instante estagnado espera...

Imagino o espaço, pressinto a bala, o sorriso do bruxo.
Vai aguardar, vida, até conseguir de novo os olhos dela.
(Mas o espaço, tempo que resta, suportará tanta espera?)

Há o tempo: débito que ficou e o tempo que sobra a ela,
eqüidistantes no corpo, paralelos, calcados no imaginário,
e que se distanciam – apodrecerá meu fôlego no equador?

Interregno que custa admitir: a minha vida hoje é ela!
(é o que afirma um outro eu, que só existe no imaginário
sem sobreviver à custa de milagres, abaixo do equador).

FÉ

– Sei o que dizem aos gritos todos os ímpios:
Não devo amar-me nem amar mais ninguém.
Perco a cor. Nada me suporta. Anjo ou não.
No entanto todos voam em torno de mim.
Estou perdido. Roçam asas, derramam perfume.

Sorrisos, miradas, gestos. Nada meço. Réu.
Que será, Deus meu, esse olhar transverso?
Que espada é essa que trespassa a alma?
Estou e não estou, o mundo é outro. Fé.
O espírito que me lança ao abismo não é...
Há a qualidade do tempo. Implacável.
Glória a Deus. Hosana nas alturas. Rezo.
Suporto a vista perdida, a luz sem lume,
pois seria tão fácil pegar nas mãos dela.
Alcanço a dor. Nada me conforta. Anjos,
celulares troam cantos, coros cuidam de mim.
Eu iludido. Pele a pele, despeja o prazer.
Mais sorriso, gestos discretos. Nada meço.

O CASAMENTO

Casou-se o meu filho sem romper alguma tradição.
O casamento parecia um carnaval. Hoje não.
Não era carnaval. Deveria ser carnaval. Cor.
Em alegria e calor humano. Em canto e dança.
No entanto, casamentos medievais eram festas.
Amigos, público, bebidas espirituosas. Som.

Os versos e a música me perseguem sempre,
eis o meu arcanjo a correr toda a igreja.
Deixei-os com os amigos, noivos, parentes,
todos aqueles que vieram dividir o amor
com o casal e trouxeram as mãos em bênção.
Amigos públicos, bebidas, música espirituosa.

Depois fui ouvir o Réquiem de Hector Berlioz,
não creio que alguém possa morrer sem ouvi-lo.
É algo como se a morte fosse um anjo azul
que chegou um dia discretamente para acalmar-nos.
O ser diáfano que visitou o poeta Manuel Bandeira,
– *Figura toda banhada / De suave luz interior.*

Um Réquiem como a figura da amada, como o desejo
de ir-se devagarinho, devagarinho, em passos silenciosos.
Espaços como a manhã ensolarada, não uma noite.
Encerra o *Agnus Dei* – simplesmente a chegada, o fim,
a longa viagem do homem percorrida em vertigem.
Amigos, público, almas espirituosas. Mais e mais som.

Mozart compôs seu próprio Réquiem – escreveu a missa,
uniu todo o drama que foi sua vida, pressentimento breve,
curta existência de arcanjo azul, passaporte para o eterno.
Berlioz foi mais existencial, luminosidade da Terra, a Gente,

Réquiem de todos nós, o ser humano estelar: **somos!**
Amigos, público, bebidas, cantigas espirituosas e som.

Num crescendo, mutante, cometendo erros, suicídios,
convivendo com santidades, a lágrima inexplicável, a dor
inexistente, o sonho vindo do ponto de Deus, a visão sem
olhos, o Dom da gravação, som, imagem, palavra, aquilo
que não vira pó. E a loucura de transformar tudo em pó.

Quem não casou um filho sem romper alguma tradição?
Gostaria que o casamento fosse um carnaval. Não consegui.
Não era carnaval. Deveria ser carnaval em alegria, calor,
canto dança, quanto os casamentos medievais eram festas.
Amigos públicos, conversas espirituosas, verso e anverso.
Amigos, público, gente, carne, espírito, som, música, poesia.

Eis o meu arcanjo a correr toda a igreja, num tom maior.
Suspeito que não ouço. Amigos, público, santas milagrosas.
Deixei os amigos, parentes, todos os que vieram dividir
o amor, repartir o riso, os que pousaram as mãos em bênção,
a sincera bênção humana e bela que o abraço amigo traz:
fui beber um copo de vinho, ouvir o Réquiem de Berlioz.

HERDADE

Podem conservar meu coração salpreso, as vísceras não.
Pois que será do peito em que baterá um coração ferido?
Eis o que resta de pernas e braços, costelas, pomo de Adão.

Mais tarde estarei comendo grama e margaridas pela raiz.
Êita mundo! Sem sucesso, sem nunca se dar por vencido...
Foi assim que gozei a dor sem jamais me sentir desinfeliz.

O que não foi? O que fiz? O que foi? O que não fiz? Tudo.
Um dia na vida fui o Cavaleiro da Triste Figura – e errante.
Se tive de gritar gritei, chorei, ri, esperneeiei de todos, de tudo

Pode conservar meu coração salpreso. Transborda, emoção.
Quem sabe? Se for bater em outro peito talvez chore ferido.
Porque jamais sara esta ferida, que nos foi legada por Adão.

LAVRA

Para que poesia hoje? Bom...
Palavras não são tão fáceis.
São como balas perdidas:
elas circulam em silêncio,

se aproximam impertinentes,
fatais, penetrantes, assassinas.

CALMA

A alma em sereno repouso,
espera por um canto para
alquebrar a falsa paz.

O que fazer agora? Lembrar
e andar, cantar revolvendo
os cantinhos da memória.

DEJETOS

Tradição, disciplina, excelência.
Tramóia, decadência, excrementos.
Três princípios de honra e horror.
Tornem suas vidas imperfeitas.
Sujem os dias com seus versos.

ÉDEN

Ela anda em sensual esplendor,
desesperadamente calada.

Procura voz própria e encontra
tudo de alguma maneira.

Mesmo que a voz alheia inspire
a sugar a essência da vida,
ela hesita, desmaia, foge...

CHAMA

Lua azul, dia finito, ambíguo.

Acordo sob telhados cinza,
cabelo castanho avermelhado,
portas brancas, pessoas negras,
velhos cavalos, tordilhos.

A água tinta o capim seco
como um esqueleto descorado.

Tempos sombrios das queimadas,
estrume e cinzas, sebes negras.

As telhas cobertas de musgo
se desesperam contra o céu.

A terra amazônica desmaia,
a mata expira, pardacenta,
sob o teto enfumaçado, brumoso.

ÉCRANS

O que se vê nestes dias?
Corações despedaçados.
A gente finge que não vê.
Os poetas fingem que são frios.
Mas as lágrimas estão rolando.

Filmes franceses.

Isso que eu sinto por você,
o mesmo que você sente por mim,
pode ser apenas um engano.
Trocar palavras - amor é amor,
desespero é desespero,
lágrima é lágrima - para quê?

- Olhos turvos: onde está o azul?

Quero dizer que podemos ser
apenas amigos tolerantes.
Amigo não fode amigo,
não fisicamente, digo,
isto é, amigos são inimigos,
cordialmente amigos amantes.

- Olhos nuvens: onde está o céu?

Quero desejos, quero filhos,
de uma gravidez sem névoa,
claridade e reflexões pensadas.

O que se vê nestes dias
são corações dilacerados.
A gente finge: "Não é comigo."
Os poetas fingem acefalia.
As lágrimas descem rolando
pelas faces, rios de sal, lábios.

- Olhos negros: onde está o Paraíso?
Música de violinos, solos de piano.
Volte, volte, podemos fazer sucesso,
podemos, sim, podemos explodir,
cruzar o cosmos, amar novamente.

O ANJO

Por que não o salto?
O Demo Exterminador está solto.
Não quero o abismo,
deito-me nas planícies.

Por que não o Vôo?
O Anjo Demolidor se expande.
Quero a praia, a onda mansa,
não o *oceano bravio*.

Por que não cicuta?
O Demo de Sal ataca de novo.
Prefiro o colo moreno
de uma mulher no cio.

Por que não explodi?
O Anjo Gabriel degenera.
E a fortuna carnavaliza,
fosca insanidade, estultícia.

Por que não à bala?
O Demo do Terror desespera.
Cartas de Tarô, círculos,
mirra, cristais esotéricos.

Por que não o Paraíso?
O Anjo da Guarda circunda.
(Emblemática estatística viver
sob eterno *delirium tremens*).

BALANÇA

Não estou no Jardim do Éden,
mas estou nu e Eva está comigo.
Deixei de lado o pedantismo,
os sons, as marcas de vacina.
No quarto branco aspiro
fragmentos de inspiração.

Esplende a luz espiritual.
A Arca de Noé devorará
espaços rumo ao Novo Mundo.

Quem será o interlocutor
da palavra de Deus?
Todos os Arcanos indicam
as constelações polares.

Então os sintomas apontam
ocasionais indiferenças.
Conhecimento de etapas anciãs,
não exatamente o que vemos.
Velhas tradições submissas
fazem-nos ter uma melhor visão.

O peso do coração nos ombros
é o tremor do Universo no peito.
Aviões decolam do aeroporto.
Definitivamente, de uma vez por todas,
não gosto, não: odeio, detesto,
morro de raiva de envelhecer.

SONHOS

Nem semear a tempestade
nem desafiar as planícies do pesadelo.
O som do rock escoou das vitrolas
nos bares, ruas, salões de festas.

Recorda Mastroiani, acorda Fellini,
festival sueco, Bergman & Bergman.
Não a vida serena, carnavalesca,
de guerras e batalhas desnudada.

Os Beatles arrebutaram
as cordas de aço das guitarras,
o som estrilou no deserto.
Exatos momentos pouco lúcidos,
débeis ocasiões, frouxos tempos.

Akira Kurosawa estreitou écran,
a deusa tempestade morreu na neve,
entre tamareiras e Samurais.
Sonhos, sonhos, miragens ilusões,
serão vós os senhores dos desertos.

Traças não roem sons nem cores,

fotos e telas - os filmes durarão.
Marcha o exército, marcha em vão,
mulheres choram, choram em vão.
Chopin, Mignone, valsas e noturnos.
Sabe o sabor do morango verde?

Bombas são o pesadelo do sono,
quero ver o thriller do III milênio.
O palco é Nelson Rodrigues,
é Brecht - abram o proscênio,
mostrem Shakespeare, Molière.

São somente sonhos, sonhos,
miragem, ilusões, não se ouve,
nem se vê, não se compra, nem.
Força: o traço-fuzil de Goya.

Leveza líquida: falsos Manet.
Dor-cor, Van Gogh, Monet não?
O som do piano se desfaz,
a guitarra cala, os girassóis
murcham, os fuzilados vivem.

NOIVAS

Nuvens são véus de noivas no céu,
de vento zefirino, azul, transparente.
O sol é pupila que oura os corpos
lá p'ras bandas da Pedra da Gávea.
Noivas, nuvens alvas, encarnadas.
Ipanema, bela Ipanema, ela morena,
chopes gelados, chopes dourados.
Noivas nas igrejas, noivas domingo,
grinaldas de orquídeas, rosas, rosas.
Alvura nos vestidos virgens e a gente
na praia, em alegre zanguizarra,
o secular gesto: quem será a festiva
premiada com o buquê e a simpatia
poderosa, mágica, infalível, fatal
toda poderosa flor-de-laranjeira?

SÍTIOS

Não procuro tesouros
(dizem que *o outro lado*
é melhor que este aqui,
mas ninguém nunca veio

de lá para confirmar),
caço a terra dourada,
terra de trigo que um dia
mestre Van Gogh pintou.

Quem esbarrar nessa terra,
ora, não faça cerimônia,
adentre as trilhas ansiadas,
corra todos os destinos,
os sóis e os girassóis,
as luas e as giraluas,
os Malazartes e os Netunos.

Tudo dourado de ouro,
de áurea cor mental,
colares, penduricalhos,
índios tosquiados, nus,
o cantar e a pintura da paz.
Estou caçando tesouros,
quero ver se existe chão
mais bonito que este daqui.

Ó MEU

A vida nos dá prazeres,
cosmos de surpresas,
mas não deixa escolha:
- é viver ou viver.
Eterna, com certeza.

Como quando chega
a pessoa amada:
basta um olhar,
sentir a eletricidade.
De mansinho, felino.

Aí é para sempre
seguir a correnteza:
breve vida escrava,
é vulcão, é fogo, é lava.
Vida encantada.

Serei o Anjo da Tristeza
para dar notícia
dos amigos que caíram
durante a jornada?
A vida é porrada.

NÃO MINTO

Toma meu coração porque
prometi te amar para sempre.
Lembra aquela ocasião?

A vida é bela, o amor é lindo,
pode tudo, pede a alegria,
céu azul, calor, até frente fria.

A simplicidade das coisas,
simplesmente a emoção,
- pode também a paixão.

O amor é vida, é drama,
feito encontro de rua,
pode tudo, luta, pede lua.

Te prometo a vida bela,
prometo o amor mais lindo,
o céu sem nuvens, azulino.

Só não te prometo a lua
(é que sem ela não há alegria,
nem céu azul, noite fria).

Por isso toma meu coração,
porque sei que vou te amar
- eternamente vou te amar.

PORQUE SONHEI

Corri atrás dos sonhos,
coração de ouro, sem pensar
- sem contar os pesadelos.
- Era você o sonho? Era a vida?

Corri atrás dos sonhos,
te encontrei, carne viva, alma,
e não estavas nos sonhos.
- Era o sonho? Era você a vida?

O DESERTO

Pode crer. Vi a fronteira vazia,
caminhando no fio da navalha.

Sou a presença, o espírito, o mal.
Mas os anjos me protegeram.
A cada salto, o precipício é você.
A cada precipício, o destino
era o Paraíso - o Paraíso é você.
Não sei se era o inferno aqui, mas
o terreno estranho, a paisagem crua,
os tremores, nervos em fibra, cortes,
sensações de gritos surdos, lâminas.
Pulsos sangrando, veias expostas,
um ambiente de mofo e úmido,
carma e presenças indesejáveis:
não, não sei se era o Inferno.
A fronteira sem lados, espaços
sem borda, nimbos, tudo, nada.

A GAROTA DO METRÔ

A passageira do metrô,
de olhos cor de amêndoa,
pespegou-me um olhar daqueles
- mais que olhar, uma porrada.
Esse foi um sonho (mais um),
capaz de iluminar os sonhos,
que talvez não sejam impossíveis.

Depois, o metrô me vomitou.
Próxima estação: Cinelândia.
E a garota do metrô (de olhos
cor de amêndoa), seguiu destino
na manhã passageira, rumo
ao calor do vasto longo verão.

Foi sopro de primavera, chope
gelado, esse amor-relâmpago,
sob um sol de quarenta calores,
ar condicionado, pendor, brisa,
capaz de ventilar pesadelos,
muito provavelmente possíveis.

AUTÔMATO

Outrora tomei bastante álcool,
suficientemente para destruir
mais de um trem de fígados.

Fumei, também fumei, e muito,

tanto, tanto a ponto de engolfar
a Terra e os ares em nicotina.

Orgias e fudas elementares quis
(os velhos Calígula, Sade & Cia.
urrariam de inveja, dó e tédio).

Vermelhos de vergonha, roxos,
deixaria os médicos só pelas
toneladas de aspirina que usei.

Mescalina, Messalina, Lina,
bebi também o teu leite, mel,
no leito da bondade e do mal.

Bebi o doce vinho perdido,
no mar de parreiras, tonéis,
de uvas verdes, sangue, rosas.

Agora, vejam, restam os sonhos,
agora é que sobram pesadelos:
a eles me socorro a ferro e a fogo.

O que resta vai voar aos pares,
pó perdido entre estrelas, pó
nas areias desérticas inascidas.

Nos astros nunca dantes navegados,
quero encontrar o desconhecido,
onde estarão os meus amigos.

LIVRO 2

ETERNO DEUS

CANTAR ESPAÑOL

*"La boca puede mentir,
pero el corazón no miente."*

Aunque yo no sea gitano
recuerdote feliz Rosa
oyendo el arte flamenco
es el arte más hermosa
aunque yo no sea gitano

Recuerdo tus ojos berdes
cuando pa lejos partí
no hay en el mundo lejano
rapaza tan bella como ti
recuerdo tus ojos berdes.

Amante, amante no fuimos
ni tampoco nos besamos
cuando el cantaor lloraba
miles de miradas trocamos
amante, amante no fuimos.

Desde tan lejos te quiero
toda entera tu mujer
tu sonrisa tus palabras
ay quisiera yo ti querer
desde tan lejos te quiero.

Y sí que no sea gallego
recuerdote feliz Rosa
vendo al arte los gaiteros
allá ti será la más formosa
y sí que no sea gallego.

PAX CORPORE

A mesma paz que vem deste medo,
não é uma pizza que se encomenda,
ninguém procura, ninguém encontra,
não é uma compra pela internet.

De supetão como o corpo que flutua,
espírito que chega sem pedir e vem,

alma branca, translúcida, calma, pura,
aflorar no leito perfumado da virgem.

É o desejo de paz de todos os povos,
não é o táxi que se chama por telefone,
a exígua palavra, vergastada, exangue,
o advogado que se contrata para defesa.

Como a tal lei que ninguém cumpre,
nem a suposta paz de monge budista,
ou o olhar que alguém não percebe,
— é a tranquilidade, o santo segredo.

VELHA AMIZADE

Quando a minha noite chegar
e se fechar, manta, sobre mim,
vai me encontrar o pequenino.

Não verá o velho ancião não,
mas aquele mesmo menino
filho das noites sem calafrio.

Quando essa noite me visitar
será o mais breve reencontro
entre a paz total e a escuridão.

Vai encarar o mesmo olhar
que nela previra, o desatino,
o habitante da noite devassa.

MOLDURA

Aquela janela é algo que denuncia o mundo,
não mera barreira que apenas o molda, écran,
tijolo, tapume, não se vê o que se vê, cega.
A varanda, Bíblia nas mãos, o pastor, o transe,
a oração matinal antes de sair de casa, longe,
patos, galinhas, gansos, percorrem o quintal...

Enquanto o culto ocorre é hora da filha chegar
da escola, tirar a roupa, tomar banho, sozinha,
jantar vendo novela na TV, se masturbar, deitar.
Portal de referência escrito em diários e fotos,
notas pequenas, codificadas dia a dia em pílulas,
olhos que todo dia nos espionam encalacrados.

SEPARAÇÃO

Comanda o que cimenta, o que empedra,
nada vinga nem medra em terreno estéril,
(assim determinou a espacial fronteira),
terra aérea, sutil, plúmbea, semi-etérea.

Foi à distância, a tal que jamais se mede,
que existe e não existe, onde se esconde
a indelicadeza do físico quando ausente,
não se sabe quando, nem como, ou onde.

Simplesmente nem há corpo nem espírito,
a cor é algo que desespera, desaparece,
pensa-se no gigante poder da presença,
frase costurada, corpo, amor que esmaece.

Não há como explicar melhor a ausência,
impossível justificar-se outra separação,
como a alma que sobrevive aqui e agora,
dependente da química suprema da oração.

ESTÓRIA DE CORAÇÃO

Não esperar a justiça dos homens: fado,
pois de perdoar não é feito o coração
nem de trair, nem trair a paz do amigo.

Quando será o dia de enterrar o enfado?
Quem pode verdadeiramente dizer não?
Qual a dor do filho se é do pai o castigo?

Uma moça me esbarrou na rua. Acidente.
Chamou-me pelo nome, depois: foi engano.
Qual a cor de seus olhos? Azuis, azuis...

O quê se deve e não deve partir de frente,
se for de luz a veste que deveria ser de pano,
e invisível ao espelho o reflexo do poente?

O TETO NU

Outros espaços recobrem os cômodos, espaços vãos,
entremeados de algum silêncio, onde soavam pisadas,
vácuo deixado pela saudade pesada, eco das músicas,
choque da ventania no vidro da janela e nas plantas.

Nenhuma palavra, grito, vozes altercadas, riso, risos,
fremiam vivas passagens, quadros nas paredes todas,
mesa posta, inabitual conjunto de garrafas de vinho,
vinho tinto, vinho clarete, vinho da Califórnia, verão.

O vinho esse refere alegrias, como água na panela,
pão de cevada, pão árabe, preto, torrada na manteiga,
pasta de fígado, queijo cremoso, vermelhidão nos lábios
ridentes beijando as taças que retiniam a cada brinde.

Sobrou o ruído silencioso do teclado do computador,
os ventiladores girando, o espantinho do calor de verão,
velhos discos regravados: Edith Piaf canta *Embrasse-moi*,
Lucienne Boyer, amorosa diz: *Mon coeur est un violon...*

FALE-ME DE AMOR

Não poupe o silêncio, hoje quero ouvir uma canção morna,
que diga as coisas mais banais e que tratam de amor, amor.

Fala-me das sensações, fruta madura, do açúcar, do mel,
da estranha química que lubrifica os lábios grudados em beijo.

Canta-me assim mesmo, quase dizendo a música, voz rouca,
sonoridade mansa, pacífica, que a brisa leve descola no ar.

Mostra-me fotografia amarelada, em preto e branco, a cor
mais rubro que se imagine, fugir dos lábios em pose sensual.

Lábios retocados de batom em forma de coração apaixonado,
coisa tal que enterre os dias de hoje, mumificados em tumbas.

HUMANO

"Você me fez feliz", disse ela
amassando os seios arrepiados,
suada, cabelo liso em desalinho.

"Eu não te fiz feliz", respondi
vestindo-me, enquanto a via nua
na cama namorando o lençol.

Ela me olhou com 16 anos de ódio.
"O prazer que inventei te fez feliz",
contínuo, esperando ser assassinado...

"O gozo te fez feliz, o orgasmo",
disse-lhe, enquanto me despedia:
"Fui apenas o comportado falo."

ELEGIA DO PRIMO

No fim de um dia cheio de possessões
achava de guardar no banheiro obscuro
os crepúsculos azuis, roxos, cotidianos.

Não, decerto não conheceu toda a paz:
pensou apenas em se distribuir, ser
sedentário, essencial, insatisfeito.

Somente aquele jeans abandonado,
sujo, roto, testemunha a sua luta,
o desengano das pequenas alegrias.

Fingia que lutava contra injustiças,
mas o que buscava era uma presença
para a temida solidão do isolamento.

Opunha ao desânimo, menta, malagueta,
álcool malagueño, pitadas de soluço,
de casa saía corpo, retornava espírito.

Basta-me a presença nos duros anos...
Bastarei a alguém? Em algumas almas
pena a lembrança, vaga nevoenta, só.

"Ali vai ele, vejam. Alto, espigado, o
cigarro largado nos lábios, a mente
bem pra lá do Piauí. Lá vai ele, vejam!"

Não era mais aquele corpo estendido
que via nas areias das praias desertas
entre todas as estrelas uma estrela sua.

DESTROÇOS

Ocaso, infelizmente é assim, outono, folhas caídas, prédios ruindo.
O que faz o mundo ficar velho é o dia de hoje, o velho dia de hoje.
Quando a água fria bater no rosto pela manhã, o sol arderá na pele.
Ao fim pensaremos que é algo que se inicia, engano, engano: fim.

Tempo infindo,
O amanhã foge!

O corpo expele,
A terra, o capim...

Quanto sorriso nos lábios vivos, o tempo presente — que amanhã?
Gênese tentacular, que se faz árvore genealógica, ancestralidade.
Filmes restaurados cotam a história: veja, quanta gente viva se foi!
Caminham, posam para a câmara, exibem-se, pensarão em nós?

Uma fruta: maçã,
Passa, seca, idade.
A lágrima que dói,
A ruga mais atroz.

O ocaso felizmente feito de vastos outonos, folhas secas caídas.
Prédios que fazem o mundo ficar velho, rancoroso, velhos dias...
Quando a terra fria bater no rosto, o sol não mais arderá na pele.
Nem pensaremos em algo que inicia, não nos engana mais o fim.

Folhas secas, caídas,
Ranço dos velhos dias.
A paz beijará a pele,
Nossa paixão é o fim.

ELIAH

Não é a vida que me atrai, é o fado, a sorte,
aquilo que não está escrito, o espelho, a fé,
o revés, o que não se imaginou, nem ontem,
nem hoje, agora, nem amanhã, a pegada fatal.

Esse temor que o domínio nos falta, sem ar,
sem nenhum socorro capaz de desviar-lhe
a trajetória para a qual não havia derrota,
o alvo para o qual não se determina a mira.

A alma perdida entre dois pólos, amor e ódio,
uma outra pergunta calada, a resignação, dor,
tudo o que as rugas não dizem, além do espelho
fragmentário, que não se escreverá, perdido, só.

Ninguém combate o tempo acionado por fótons,
o tempo acima do espaço, do controle remoto,
e o medo caminhado, só, destemperado o sorriso,
teme-se a impossibilidade, peca-se pelo avesso.

Quanto tempo o corpo mental resiste? Por quê?
Que peso sobrevive incólume à força da gravidade?
O sentimento de morte paralelamente assiste, vê,

o feto invisível chama-se simplesmente saudade.

A CASA AZUL

Da pequena casa azul se ouvia uma canção,
cruas roupas dependuradas no varal floriam,
o quarador guardava todas as cores no anil,
onde era a cozinha, fumava o café no bule,
a pequena casa azul, ora bolero, ora canção.

Do pequeno jardim azul as pétalas boiavam nuas
no ar tenso e nevoento das manhãs chuvosas,
arriavam chuvas amazônicas, correntezas, rios,
espirros, futuros resfriados, tosses, nada impedia:
no jardim azul as crianças tomavam banho nuas.

Que éramos animais frugívoros, assim ensinavam
as árvores frutíferas, manga rosa, mamão papaia,
pitomba, cajazinho, melancia, laranja, sob a sombra
das bananeiras horta de alface, tomate, agrião,
bichos frugívoros, vegetarianos, sim, ensinavam.

Está ainda lá na memória, velho telhado vermelho,
o lodo das águas, as flores azuis, ninho de pipira,
o quintal de onde se ouvia uma canção soprano,
a mesa coletiva, a ceia superlotada, o grito cativo,
está vivo, latejando a memória, o telhado vermelho.

O ENFORCADO

Os olhos do enforcado: esbugalhados.
O enforcado nada quer ver.
A língua do enforcado: inchada, espremida entre os dentes.
O enforcado, o quê diz?
A boca do enforcado: espumante.
O enforcado não sorri.
O pescoço do enforcado: quebrado.
O enforcado não pensa.
A cara do enforcado: roxa, azulada.
O enforcado é preto?
Os pés do enforcado: arriados para os lados.
O enforcado não está descalço.
A calça do enforcado: mijada.
O enforcado tem medo.
O corpo do enforcado: esticado rumo ao chão.
O enforcado quer descansar...

ETERNO DEUS

De vez pressentisse pobre, temeroso,
breves sinais de sua existência, breve
caminho para eternizar o instante.

Se Deus tivesse a mim escolhido,
pespegando-me que fossem chagas,
seria eu mais uma de suas moradas?...

De repente está tudo claro, claro,
noutro tempo, escurece de repente,
tal qual a primavera em outra terra.

Venci na existência tantos deuses:
não sei quando este virá, se existe,
de onde está, se Deus é êxito em fé.

Ora, se alguém quer ser feliz e alegre,
que seja hoje, porque para amanhã
nenhuma das coisas pode-se garantir.

Então é certo encontrá-lo algum dia...
Que Outubro! Quem diria que depura
em mim a coragem ante a incerteza?

É primavera em algum lugar distante,
não aqui onde a escuridão se debruça
a espiar sem saber por que não a temo.

LIVRO 3

POEMAS PRA MAMÃE MIZIKA

1-A ESQUECIDA

Mamãe, mamãezinha querida, esquecida de nós,
na cadeira sentada com o livro nas mãos, ler, ler, ler,
com mais de 90 anos vividos, lembra mãe-vovó Didi,
anos atrás refletida nos mesmos gestos, olhos azuis,
óculos, cabelos de algodão, passado mesmo tanta idade.

Esse é o seu retrato: e a fotografia que dela nos ficou:
fazendo tricô, lendo jornal, é que me diz o bocadinho
de onde tirei o vício de ler, ouvir música, escrever.

Há pouco acordei para o silêncio no qual a enlaçaram,
na frieza que depositaram em seu colo todos os dias,
quando deviam fazer festa, mesmo fingida, calorosa,
demonstrar à **mãe, mamãezinha querida** que amam.

Mas ao redor o quê ouvimos? Gostaria que fosse bela
Palavras, assim como as lá de cima (bem a propósito):
Mãe, mamãezinha querida, mãe de todos, querida,
e no entanto são reclamações e só queixas que troam.

Esquecemos todos que fizemos você, sim, algum dia,
mãe, mamãezinha, a fizeram chorar algumas vezes,
fizemos sorrir muitas outras, mas a verdade é que nada
do que fizemos se pagará com silêncio e ódio à velhice.

E de novo esquecemos a mulher corajosa que enfrentava
a violência de pais impacientes para defender os filhos.
É verdade que estou um bocado triste com a minha vida
que não foi, mas como impedir o sonhador viver o sonho?

A tempo acordo para jamais esquecer braços que embalavam
quando dormia na rua, tremendo de frio nos degraus da igreja,
fugido de alguma surra, condenado por alguma travessura.

Rebelde, sempre rebelde, sem esquecer, **mãezinha querida**:
você ia buscar, quando todos já dormiam, o moleque teimoso,
vivo, que não descuidava das aventuras de todos os moleques,
mas também dava mostra de repudiar o tratamento paterno,
legalizado pela crueldade, alguma coragem, enfrentar a noite.

Nem esqueço jamais aquele beijo que testemunhava a escuridão,

beijo que sarava todas as dores, que perdoava todos os pecados, que abria as portas da cama quente e desculpava todos os erros.

Mãe, mamãezinha querida, diz a todos com aquela coragem calma das mães: as pessoas não precisam de cenhos franzidos. Muito menos as mães. Menos ainda de cenhos franzidos dos netos, dos narizes empinados que apontam para a sabedoria eterna, gênios, coitados que nada sabem, não é **mamãezinha querida**? Nada.

O que eles sabem? Não sabem que as mães são o refúgio único, capaz de transformá-los sempre nas crianças que foram um dia. Menino como hoje me sinto. Que esta **mamãezinha querida**, é o que ainda existe de melhor em nossas vidas, hoje exige amor.

Devemos agir como burros e esperar o amanhã para lembrar disso? Por que esperar que você, **mãe, mamãezinha querida**, tão viva, se transforme em saudade, se é a própria e dinâmica vida presente?

2-VELHO ÁLBUM

Mamãezinha querida andei vendo velhas fotografias guardadas, apesar de estarem com aquela cor sépia própria do passar do tempo, dá para ver bem ali está, linda, a senhora vovó Didi — sua mãe, claro, posando orgulhosa ao lado do vovô, vestido simples de porte espacial.

Vejo os futuros cabelos loiros, os olhos azuis, como manhã cedinho, da lembrança, seus cabelos grisalhos e depois ralos e branquinhos. O porte germano não esconde a origem européia, os olhos bem sei, jamais perderam o tom celestial com que foram gerados, eram olhos amorosos, alguma severidade que beijava e vacinava de paz e amor.

Todos os filhos, inclusive você **mamãezinha querida**, de tais olhos trouxeram a mesma marca — e no viver, que é o labirinto de Escher, presentearam àqueles que os cercam e a todos os seus descendentes a arte nobre de viver sem humilhação, a arte santa de cair e levantar.

Trago da infância o espaço nobre que não tive, lembro **mãe Mizika**, que nós, os seus filhos, foram atraídos para o lado materno da criação. Que nossos tios foram várias mães e vários pais — e não só vários tios. Os primos foram irmãos, embora nem sempre fôssemos irmãos deles. Com a vista no velho álbum e penso no mal ou bem que faz a fotografia, que mudo antepassado na caverna resolveu riscar paredes, gravar coisas?

E ao lado daquela mulher de aparência forte, o vovô de vasto bigode, que mostra o olhar resoluto e feliz, por ter um dia tomado esta decisão mais importante da sua vida: sair da terra de origem, Síria ou Líbano, com a coragem de aventurar-se a viver nova vida, em terra distante, aferrado à convicção de encarar o destino traçado com os irmãos, partiu.

Importa se chegaram como turcos? Amaram a terra nova, o morro coberto de mata, amaram o ar frio da noite no deserto, a gente diferente, brancos, negros, escravos. — *Tomar rumo!* Gritaram a uma só voz comovidos... E se beijaram, se abraçaram armados de coragem, fé e sem desilusão, sem premissa de infelicidade na mala, todos partiram em busca do sonho.

Um dia **mãezinha** fui acordado no sofá da sala do apartamento de tia Celina. Por quem? Por vovó Didi, nonagenária, que madrugava para ouvir no rádio o noticiário. Acordei com o Repórter Esso. — *Te acordei, meu filho?* Sorri com a pergunta. Dei bom dia. Arrumei a cama improvisada, lavei a cara e fui para o seu lado, dei um beijo, cumprimentei, acarinhei...

Ouvimos rádio, conversamos enquanto tudo dormia à nossa volta. Vovó falava entre o tricô, o noticiário, os pensamentos nos quais vivia submersa, aproveitou para contar pedaços da história que vovô Jorge contou a vovó Didi e por minha vez conto, sem tirar sem pôr, como os Boabaid se espalharam pelo Brasil pedaços pelo mundo...

3-UM TREM DE SAUDADE

Mamãe do meu coração, como outras coisas inexplicáveis, creio que a vida nômade, também o espírito do emigrante, tudo está no sangue. Que pensamentos terão aqueles que deixam sua terra natal para partir? Que são homens de coragem, não há dúvida: decididos a sofrer várias dores.

A dor da saudade, da terra das paisagens, dos parentes, amigos, inimigos. Pois Jorge Salomão, vovô, deixou gravado outro olhar no velho retrato, que anuncia o elo perdido da felicidade, uma felicidade ainda não assimilada, atrapalhada por pensamentos, talvez por uma descrença dos contos orientais:

"Quem diria - com liberdade de usar a arte usurpada ao homem da caverna, quem diria que este pastor de ovelhas encontraria, nesta terra verde, distante das areias do deserto, o próprio Paraíso prometido por Alá?"

Muito mais diz o olhar emprenhado de felicidade, **mamãezita do coração**. Repare bem que ele exclama ardente também: *"Quem seria capaz de pensar que eu iria encontrar a odisca dos meus sonhos das noites estreladas?"*

Disse que vovô foi um pastor de ovelhas? Não é cargo menos nobre e natural, mas quem sabe não foi o príncipe que abandonou as ambições imperiais, deixando os irmãos mais gananciosos? Quem sabe se comprometeu com Alá, ao cair da tarde, a encontrar a felicidade na terra cheia de encantos, florestas, rios, sonho dos lugares que viu quando criança? O romance do príncipe sírio...

Vemos filmes antigos, pessoas que pisaram a mesma cidade em que vivemos, hoje estão sob nós aterradas e pensamos: essa gente aqui viveu, sorriu, amou.

Assim são as velhas fotografias, **mamãe querida**, o verdadeiro sal da vida, tempo aterrado na memória, paisagem embarafustada com outras visões e figuras de coisas e pessoas cujos traços se confundem há mais de 90 anos ficam gravadas, mas se movem vivas, atuantes, excitantes e que esbarramos a qualquer momento, na rua, no ônibus ou mesmo em outra fotografia.

4-ELAS, AS PRÍNCEPAS

Tem outro retrato ali, **mamãe, mãe querida**, que não me foge da memória, nem deixo fugir. Aos anos vinte e um, coquetes, à moda da França, os penteados enfeitados com pega-rapazes.

É você aquela de cabelos encaracolados, mais tia Irene, mais outra (quem? Antonieta? Lídia? Zilda?), nem ligo porque é tão bonita, como você, mamãezinha querida, vestida

Principalmente aquela de artísticos olhos verdes na foto preto-e-branco, com ares de artista de cinema, estrela hollywoodiana, batom vermelho provocante, desenhando nos lábios o coração apaixonado.

Ela certamente não é você, que mantém o violão debaixo do braço, não como virtuosa, mas sim como namorada que vitima os olhos vermelhos dos jovens com promessas descumpridas...

Mesmo hoje são lindas as três irmãs juntas!

5-O TEMPO MAIS IDO

Agora, **mamãe querida**, quero dar o salto no tempo, ver se relembro as lembranças, as mais antigas. Pode? Pode-se ao menos tentar. De onde nasci o que lembro, como o quadro na parede, é que estou num terreno chão, de areia, brincando. Uma irmã me faz companhia. Tenho para mim que é Sandra. Caminha até nós alguém dando algumas ordens. Não é a senhora, **mãezinha** acho que é uma ama ou empregada, que traduzo como

se fosse Belkiss. Depois dou outro salto.
Agora estamos a caminho da praia.
Vamos de bonde. A praia ou a avenida
tem altas palmeiras imperiais.
Alegria de crianças indo à praia!
O que marcou esse dia é que um
de nós, dos irmãos, se perdeu.
Você e papai ficaram naturalmente aflitos.
Foram até o posto policial
e a busca resultou positiva.
Graças a Deus! Graças a Deus!
O irmão, que (acho) era Antônio Jorge
(ou Roberto?), foi encontrado
com a sola dos pés assadas
de tanto andar na areia quente.
Chorava, mas aliviou a todos nós,
mesmo aos que achavam
que ele merecia umas palmadas.
Voltamos para casa de bonde.
Agora, **mamãezinha querida**,
dou mais uma guinada.
Viajamos de navio na rota que,
hoje penso, é entre João Pessoa
e São Luís. Só me lembro da chegada:
o navio está atracado ao largo.
Saltamos para o barco que retira
os passageiros do navio
e os leva para a rampa.
Vou aos braços de alguém.
Muitas tias nos foram receber.
Alegria, risos, muitos abraços.
Estamos em São Luís.
Acho que aquele é o Cais da Sagração.
Depois, Outeiro da Cruz, mas aí,
mamãezinha, querida mãezona,
aí já é outra história, que não conto...

6-A CHUVA FINA

Mamãezinha querida, hoje tomei um bocado de chuva.
Estamos em setembro, mas parece que é o inverno que chega
e não a primavera como diz o horóscopo.
Cai uma chuva fina, finíssima, mas eu nem me importo.
Vou pela calçada, embebido como o neném feto na barriga da mamãe.
Sinto prazer em andar na chuva, mas sabe que parece um bocadinho
aquela situação que eu vivia e que lembrei frases atrás?
Olha, **mãezita querida**, me dá realmente dó, um dó danado de ruim,
pensar que pessoas não terminam o dia lembrando que têm o direito

de tomar banho, desfrutar uma sopa com pão e depois se enrolar num cobertor qualquer, fugindo do frio, se enroscar num corpo amigo nem que seja pra dormir. Passei uns dias assim em que o vento me fustigava, a tenda de acampamento era pequena, a garoa quilometrava quilômetros, lascando meus poros. Foi num acampamento de pesca, mas o que eu pensava era na minha caminha quente, meu colchão meio lá meio cá, o travesseiro que me deixava o pescoço torto, mas e mais, principalmente, pensava que nos quartos que me cercavam estavam, **minha mãezinha, a querida**, meus irmãos, meu pai. O frio, a solidão, o estar sozinho ficava lá fora. Ali estava o calor...

7-OUTEIRO DA CRUZ

Mama, mamãe, disse acolá que ia falar sobre o Outeiro da Cruz, o bairro seguinte que moramos quando viemos de João Pessoa. Mas não vou falar não. Ali começou a dissipar a personalidade, a ser fustigada a maneira de ser de cada de nós. Lembra que tive catapora justamente quando brincava com meus primos na casa de Tia Celina? Fui pro isolamento! Sabia lá eu o que era catapora, a não ser que se tratava de umas bolinhas cheias d'água que coçavam a valer e estouravam espalhando mais bolinhas pelo corpo? E que pegava em quer que esteja a quilômetro de distância? **Mamãezinha querida**, nesse mesmo dia meu irmão foi flagrado brincando de papai e mamãe com a prima. Mas a melhor lembrança que o Outeiro da Cruz me traz, fora é claro, acordar de manhã cedinho para ver os carroceiros passarem com as verduras, peixes, carnes, frutas, tudo enfim que ia ser vendido da grande feira da Praia Grande, a maior feira do mundo, outra melhor lembrança mesmo era a dos dias que tio Zé Nahuz chegava de carro para nos pegar e levar para a praia. Que coração cheio de bondade tinha o tio Zé, não é **mamita querida**? Antes do areal tremendo que era o Olho D'água a gente dava uma passadinha no Tirirical, para caçar ninho de passarinho e assustar as tiriricas: "Tiririca, tua mãe morreu!" E depois desse aviso fúnebre e de um tapa leve a folha da tiririca murchava de dor e tédio. Devia de pensar: "Ah, que crianças chatas. Deixem-me em paz com meus espinhos..." Por isso, **mamãezinha do meu coração**, não conto nada mais e porque foi ali que aprendi a fumar, a roubar moedinhas do bolso de papai pra comprar cigarro, a gostar de mulher, quando dançava com Loló e meu nariz mal alcançava o umbigo dela. Coisas boas, coisas futuras...

8-SALTO NO ESCURO (I)

De lá pra cá, **mamãezinha querida**,
foi a vida um salto no escuro,
com toda a consonância que as vidas carregam.
Os seus filhos estão aqui, bem vivos,
cometendo todos os pecados do mundo, errando,
acertando, como qualquer bicho do planeta Terra.
Bem aqui, **mamãezinha**, é modo de dizer:
o temporal arrumou um em cada canto
e o vendaval desarranjou a vida de outros.
Tanto que nem sei dizer se conservamos em nós o
Dom que era bem seu: o Dom de viver com arte,
tanto a arte material quanto à arte espiritual.
Nem se pode dizer qual o resultado da química
ocorrida entre a Mizika que repousava a cabeça
nos ombros aconchegantes de o tal João Rovedo.
O que resultou? O que não resultou? Mistérios...
Depois, muito depois, com os filhos vieram as noras
e os genros, os netos e os bisnetos.
Mas quem disse, **mamãe querida**,
quem disse que esses oito filhos
que a senhora botou no mundo ardente,
quem disse alguma vez que são perfeitos?
Os seus noventa e tantos anos alquebrados
serviu de argumento para que nós, tímidos e medrosos,
buscássemos nos olhar a nós mesmos
e reconhecer em reflexo o significado de **ser bom filho**?

9-SALTO NO ESCURO (II)

Muita sacanagem, **mamãe queridona**, se faz a você,
nos noventa e tantos anos, quando se chega dando bronca.
Que direito têm os filhos, genros, noras, netos,
qual direito têm hoje, a essa altura da sua vida digna
e bondosa, que direito temos de elevar a voz a você?
Dizer grosserias, reclamar quando faz alguma arte,
tão própria de quem está aos 90 anos realmente viva?
Limitar a vida a quatro paredes, achar que está caduca?
Ultimamente alguém de nós solfejou alguma palavra ou
mamãezinha querida em seu ouvido quantas vezes?
Quantas vezes um de nós, seus filhos, genros e netos,
nos últimos dias chegou carregando um abraço bem gostoso,
dado não com braços e mãos, mas com o próprio coração?
Quem chegou aí perto de você, tomou-a nos braços, dançou
a valsa, imaginária que fosse, para aquecer o frio com alegria?
Quem a convidou para tomar um sorvete, assistir a um filme?
Por isso, **mamãe do meu coração**, porque alertou o escritor

francês (que vivia no mundo e no mundo se perdeu e se achou), Antoine de Saint-Exupéry, tento recompor a luz do cristal partido, juntar nacos e com estas palavras prometer de joelhos dobrados, como fiz ao Pequeno Príncipe, jamais chegar junto dos 90 anos sem o abraço, o beijo carinhoso, enfeitar o colar com as palavras com que ele iniciou todas as cartas que escreveu à sua mãe:

– Mamãezinha querida! – Mamãezinha querida!

10-A LEI DOS SEIS ARTIGOS

#1 — A todo e qualquer ser que se aproximar da noventona, bonita e carinhosa **mamãezinha querida**, Dona Mizika, está proibido o uso de expressões grosseiras, reclamações indevidas, queixas descabidas, posto que na idade em que ela está nada lhe será proibido;

#2 — Fica decretado que todo ser que se aproximar da vivida, experiente e esperta dona Mizika, **mamãezinha querida!**, há de fazê-lo com maior grande sorriso, nem que seja falso, uma vez que na idade em que ela chegou nenhum pode lhe ser odioso;

#3 — Todos os que se aproximarem da nonagenária, sabida e biriteira dona Mizika, **mamãezinha querida!**, obriga-se a fazê-lo trazendo um abraço maior que o deserto e as palavras mais bonitas que Deus pronunciou, posto que na idade dela tudo que for mais belo está liberado e permitido;

#4 — Fica decretado que todas visitas a serem feitas à poeta, musicista e fã de Pelé, conhecida por **mamãezinha querida!**, ou Mizikinha, há de fazê-lo trazendo flores, em ramas, solitárias ou invisíveis buquês e que seja flor de primavera, posto que nesta idade nenhuma flor será proibida;

#5 — Fica decretado que, principalmente os filhos, netos, noras e genros, chegarem perto da maior cruzadista de Copacabana, dona Mizika, há de cumprimentá-la com a expressão **mamãezinha querida!** (com exclamação e tudo), pois é uma vergonha que a ela se negue à felicidade que essas palavras trazem;

#6 — Fica decretado, enfim, **mamãezinha querida!** que aquele que não gostar do que aqui foi dito, posto que na sua idade pode-se tudo e é proibido proibir, que vá se queixar ao Bispo, melhor ainda: que vá pra puta que o pariu!

Rio de Janeiro, Cachambi,
Setembro/Outubro de 2002.

Obs: Ao ler este texto Mizika me deu o veredicto: gostei! Mamãe faleceu dia 08/11/2004 aos 94 anos de idade.

O Autor

Salomão Rovedo (1942), formação cultural em São Luis (MA), desde 1963 reside no Rio de Janeiro.

Publicados

Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Míccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987

Inéditos

Liriana (Contos), O Breve Reinado das Donzelas (Contos), Estrela Ambulante (Contos), O Pacto dos Meninos da Rua Bela (Contos), Ventre das Águas (Romance), Poesia de Cordel - O Poeta é Sua Essência (Ensaio), O Cometa de Halley e Outros Ensaio (Artigos Publicados em Jornais), (Poesia): Pobres Cantares, 20 Poemas Pornô e 1 Canção Ejaculada, Glosas Escabrosas (Xilogravura de Marcelo Soares), Blues Azuis & Boleros Imperfeitos, Ventre das Águas, Amaricanto, Viola Baudelaireana e Outras Violas, Templo das Afrodites, Amor a São Luís e Ódio, Anjos Pornô, Macunaíma (Em Cordel)

Outros

Publicou folhetos de cordel com o nome "Sá de João Pessoa"; Publicou o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; Colaborações: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poética(Uruguaí), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) ...E outras ovelhas desgarradas.

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi - 20785-000-Rio de Janeiro
Rio de Janeiro Brasil - Tel: 21 2201-2604